

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA

JOSÉ G. C. HERCULANO DE CARVALHO - **FONOLOGIA MIRANDESA, I (Dissertação de concurso para professor extraordinário do 2.º grau da Faculdade de Letras de Coimbra)** - Coimbra, 1958 - 162 pp.

Esta obra de um dos filólogos mais abalizados da geração moça de Portugal deve ser recebida com caloroso júbilo por quantos se interessam pelos estudos da nossa língua.

Aí se retoma o exame e a interpretação gramatical do mirandês e assim se reencetam os trabalhos, tão valiosos em sua época, empreendidos por Leite de Vasconcelos; mas se trata de um verdadeiro reinício, pois o enfocamento do tema e a orientação das pesquisas já não são o que consubstanciam os **Estudos de Filologia Mirandesa**, que de 1900 a 1901 vieram revelar aos estudiosos a rústica e bem caracterizada língua da Terra de Miranda.

De acôrdo com a tendência filológica do seu tempo e os seus próprios pen-dores pessoais, o velho mestre fizera a rigor uma gramática histórico-comparativa mirandesa-portuguêsa, segundo os cânones e o método neogramático, cuja introdução em Portugal se deve principalmente a êle. O seu monumental trabalho foi um marco importantíssimo, tanto para o conhecimento do mirandês como para a consolidação daqueles cânones e método na filologia portuguêsã. Não era de desejar, entretanto, a manutenção dessa linha doutrinária, que na ciência moderna está definitivamente superada. E Herculano de Carvalho, que encetara a sua pesquisa em 1953, como êle próprio declara, "alheio ou pouco mais ou menos ao ponto de vista funcional na lingüística", julgando que "fôsse bastante corrigir ou precisar alguns pormenores menos exatos dos estudos de Leite de Vasconcelos" (p. 3), compreendeu dois anos mais tarde que "havia chegado o momento de tomar uma decisão perante o ponto de vista funcional no estudo da linguagem, abandonando a reserva que até aí mantivera" (ibid.). Assim **convertendo-se** à fonologia (o grifo do verbo é seu), sentiu que "estava agora indicado o caminho no estudo que queria empreender" (ibid.).

Quem subscreve a presente Resenha não pode deixar de congratular-se com essa **conversão**, que traz para idéias, que lhe são caras e ainda encontram certa relutância em Portugal e no Brasil, o precioso apoio de um grande filólogo luso. É bom não esquecer que, quando em minha tese de doutorado em 1950 focalizei o estudo fonêmico (ou "fonológico", na nomenclatura preferida na Europa), para o português do Brasil, encontrei um ambiente entre reticencioso e perplexo, embora em Portugal Helmut Ludtke tenha saudado com simpatia o que êle qualificou como "o primeiro estudo detalhado fonemático" (outra alternativa, de fundo purístico, para "fonêmico") "sôbre a língua portuguêsã" e no final de sua recensão crítica tenha advertido: "Não nos esqueçamos de que está ainda por fazer um estudo igualmente pormenorizado e bem fundamentado relativo à pronúncia de Portugal" (**Boletim de Filologia**, t. XII, 1951, ps. 353-5).

Tal estudo coube-lhe, aliás, fazê-lo êle próprio nesse mesmo **Boletim de Filologia** ("Fonemática Portuguêsã"; t. XIII, 1952; t. XIV, 1953), ao mesmo tempo que a minha tese se publicava em livro numa apresentação revista e ampliada (**Para o Estudo da Fonêmica Portuguêsã**, Organização Simões, Rio, 1953). Dos meus esforços, houve de positivo o aproveitamento do novo ponto de vista em muitos passos da segunda edição do **Linguajar Carioca** (Organização Simões,

Rio, 1953) de Antenor Nascentes, estudioso sempre aberto às novas idéias numa perene juventude mental, e afinal a introdução explícita da doutrina fonêmica no ensino de 2.º grau do Brasil com o pequeno mas substancioso livro de Adriano da Gama Kury (**Pequena Gramática para a explicação da nova nomenclatura gramatical**, Agir editôra, Rio, 1959). Ao trabalho de Helmut Ludtke prende-se mais de perto esta **Fonologia Mirandesa**, cuja repercussão não é difícil prever.

Como Ludtke, Herculano de Carvalho mantém-se exclusivamente nos quadros da escola fonológica européia, sem tomar conhecimento da fonêmica norte-americana, e não hesita, até, em aproveitar os conceitos acústicos de fonemas grave - agudo, mate - estridente, de Roman Jakobson (v. ps. 88-9, 96), que o autor da presente Resenha recebeu utilizar em **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa** para não aumentar o impacto inovador do empreendimento, embora como discípulo direto do grande mestre russo os tenha dêle ouvido nas aulas da Universidade de Columbia antes de vê-los consignados em **Speech Analysis** (Technical Report N.º 13, 1955, Acoustic Laboratory, Massachusetts Institute of Technology). Ao contrário de Ludtke, entretanto, Herculano de Carvalho concorda comigo na interpretação das vogais nasais como vogal oral mais nasal posvocálica (v. ps. 106-8).

A obra compreende quatro capítulos, além de um "Apêndice" com "Textos em transcrição fonética e fonológica". Depois de "Preliminares" sobre o curso da pesquisa e os dados utilizados (ps. 15-24), faz-se a "Enumeração dos Fonemas e sua Realização" (ps. 25-78), apreciam-se "Os Fonemas no Sistema" (ps. 79-114) e finaliza-se com o exame da "Distribuição e Combinação dos Fonemas" (ps. 115-120), ficando pois adiada para outro volume a investigação dos fenômenos prosódicos.

A exposição é conduzida com lucidez e escrupulosa probidade, de que já era garantia o nome do Autor, e de maneira geral emerge do novo enfoque um quadro fônico do mirandês a que o tratamento neogramático de Leite de Vasconcelos não fizera justiça; a comparação do atual estudo e do antigo do velho mestre mostra, melhor do que qualquer debate doutrinário, o enorme progresso que a teoria fonêmica trouxe para a interpretação e apresentação dos fenômenos lingüísticos.

Cabe, não obstante, pôr reparo a certa timidez no intento fonológico, da qual resultou uma aderência ainda muito estreita ao tratamento fonético naturalístico, com prejuízo na sistemática da apresentação e nos resultados.

Assim, na enumeração dos fonemas, o Autor não arrola explícita, nítida e metódicamente as variantes, o que daria os traços distintivos e o âmbito preciso da cada fonema. Em verdade, êle não leva em conta as variantes estilísticas, e, entre as variantes posicionais e as variantes livres, não estabelece uma delimitação rigorosa. Nem o conceito de "neutralização" é aproveitado de maneira cabal, de que decorrem asserções de caráter fonético clássico (v. ps. 30, entre outras). Numa ortodoxa exposição fonêmica (ou "fonológica"), impunha-se considerar um determinado estilo articulatorio (como em **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa** se focalizou o estilo cotidiano tenso), levantar as diversas variantes e as neutralizações nêle ocorrentes, e colocar dentro dos respectivos estilos certas variedades, como a realização do /g/ intervocálico como /i/, em vez das observações soltas e desordenadas em que se compraz o Autor. Também, num caso como o mirandês, onde atua a pressão cultural, de fora, do português normal, conviria examinar a atuação do contacto fonêmico entre as duas línguas nas linhas traçadas principalmente por Uriel Weinreich em **Languages in Contact** (Publications of the Linguistic Circle of New York, New York, 1953), que não consta da bibliografia (v. ps. 131-5). A delimitação dos estilos articulatorios e a introdução do conceito de "flutuação" de Viggo Brondal (**Essais de Linguistique Générale**, Copenhague, 1943, 20-1) deveria, por exemplo, resolver o problema

da precária oposição dos fonemas /ê/-/é/, /ô/-/ó/, que parece ser semelhante ao das vogais /e/-/i/, /o/-/u/, pretônicas, do português do Brasil (v. **Para o Estudo...**, ps. 81-2).

Talvez o que melhor assinala a divergência de método e doutrina que me afasta de Herculano de Carvalho, é apreciar aqui a maneira por que depreende êle “uma africada ápico-alveolar surda, semelhante ou idêntica à africada italiana **ts** (z) de **zio, calza**” (p. 33). Só a encontrou na palavra **tseda** (mudamos a transcrição fonética por necessidade tipográfica) para a cheda do carro de bois e mesmo aí esporadicamente: anota uma pronúncia com elemento vocálico entre o /t/ e o /s/ - **t(e)seda** e ainda a pronúncia **seda** (e isto até da parte de um mesmo informante). Nestas condições, a solução justa não parece ser a de que se trata de um fonema africado, mas de duas formas vocálicas para a mesma palavra — uma, arcaizante, com o grupo consonântico /ts/ alternando com /t(e)s/, e outra, novel, com /s/. Um mesmo informante pode se servir de uma forma ou de outra, como entre nós há quem diga ora **contacto** (alternando com /kontak(i)to/), ora **contato**. Desta sorte se transpõe o problema para o plano da variação léxica, e a anomalia se reduz à existência de um grupo consonântico, já evanescente, que não se encontra no resto do vocabulário (v. ps. 117-9). A mesma interpretação se pode estender à “africada” chiante, cujo âmbito é maior no léxico e cuja produção é menos precária (v. p. 94), poupando-se na economia do sistema atual dois fonemas consonânticos, de rendimento muito precário, e o traço distintivo do africação. Em vez disso, ter-se-ão grupos consonânticos /ts/ e /tx/, de natureza crescente, como no português normal os grupos **ps, pt, kt** etc. das palavras eruditas (cf. **Para o Estudo...**, ps. 111-3).

Optando por sua solução, muito menos econômica, Herculano de Carvalho procura esteá-la com considerações de ordem diacrônica, vendo na situação atual um estado de transição. É que êle tende a combinar o tratamento sincrônico com o diacrônico, partindo do princípio “de que todo o **estado** contém em si vestígios do passado e prenúncios do futuro e de que só assim considerado êle pode ser integralmente compreendido” (p. 4). Ora, parece-me haver aí uma confusão, decorrente de se tomar em sentido literal a expressão “estado lingüístico”. Sincronia não equivale a estatismo, e, como tem insistido Jakobson, é essencialmente dinâmica: apenas, no tratamento sincrônico, as variações não devem ser colocadas como “vestígios do passado” e “prenúncios do futuro”, sôbre uma linha temporal, (até porque muitas delas não participam da “deriva” lingüística, cf. Sapir, **Language**, New York, 1921, ps. 157 ss.), senão como manifestações sincrônicas diversas em função do nível social dos falantes, da sua distribuição geográfica, ou das condições em que se realiza a fala. Ou seja: tais variações se resolvem em distinções de ordem social, de ordem dialetal ou de ordem estilística.

Submeto essas considerações a Herculano de Carvalho como uma modesta contribuição ao seu valioso estudo, e termino a presente Resenha com os votos de que em breve tenhamos os volumes seguintes, que em seu conjunto darão a versão cientificamente moderna da curiosa língua da Terra de Miranda.
Rio de Janeiro

J. Mattoso Camara Jr.

GERMAN LIFE & LETTERS — A QUARTERLY REVIEW, EDITORS JAMES BOYD, LEONARD FORSTER, C. F. MAGILL, J. C. MIDDLETON, Editôra Basil Blackwell, Oxford.

“German Life & Letters” é um dos melhores expoentes de literatura alemã. Muitas vezes ouvem-se queixas, de que os professores de Germanística na República Federal da Alemanha estão sobrecarregados pelo grande acesso ao estudo da Filologia alemã. Costuma parecer que êles, devido ao trabalho do magistério e de rotina nas universidades alemãs, possuem pouco tempo dis-

ponível de dedicação à pesquisa científica. Ouve-se, também, que a pesquisa no terreno da língua e literatura alemãs só poderia ser realizada no exterior, devido às condições atuais. Esta impressão é igualmente transmitida pela "German Life & Letters". Os editores desta revista são conhecidos professores ingleses na matéria de literatura alemã. Da revista n.º 3, vol. XII, de abril de 1959, que temos em mãos, merecem citação especial os artigos "Hölderlin and Sophocles" de M. B. Benn, "Rilke's and Eliot's conception of the poet's task" de H. P. Rickman, "Reminiscences of Stefan George" de Cyril Scott.

Na parte de recensões sobre livros, o leitor é bem informado, no sentido crítico, sobre as mais importantes publicações nos ramos da literatura e vida espiritual alemãs.

Reinaldo Bossmann.

MUTTERSPRACHE — ZEITSCHRIFT ZUR PFLEGE UND ERFORSCHUNG DER DEUTSCHEN SPRACHE, editada por ordem da "Gesellschaft fuer Deutsche Sprache", Editora Heliand, Lüneburg.

É evidente que cada povo cuida sua língua, sua língua materna, com dedicação e amor. A revista "Muttersprache" tem-se dado a tarefa de zelar pela língua alemã e de pesquisar sobre a mesma. A favor do seu trabalho temos os 69 anos de sua divulgação. "Língua Materna" não se dirige tanto aos filólogos e, sim, mais ao homem do povo, para quem o amor e o zelo pela língua materna é um assunto de aprêço.

Este também, na maioria dos casos, é sócio da "Sociedade para Língua Alemã", uma associação com inúmeras filiais no território da República Federal da Alemanha.

A "Sociedade de Língua Alemã" possui também um serviço bem organizado de conferências, o qual tem como tarefa principal instruir seus membros sobre todos os assuntos que se referem a acontecimentos do campo lingüístico e literário na área onde a língua alemã é falada. Por isso, os artigos publicados nesta revista geralmente são mantidos num nível popular. O órgão da sociedade não somente relata fatos lingüísticos e literários do passado, mas também nos dá um quadro da sua posição no presente, com tôdas as modificações principais. Neste caso, ela não se limita à corrente lingüística dentro dos limites da Alemanha, mas também se dedica com todo o seu interesse à palavra alemã, onde ela é ouvida em comunidades unidas através do mundo inteiro.

Reinaldo Bossmann

WELT UND WORT — REVISTA MENSAL LITERÁRIA, editores Ewald Katzmann e Karl Ude, 14.º ano, editora Heliopolis, Tuebingen.

Esta revista é um excelente guia e conselheiro nos problemas literários em geral. Ao lado de contribuições atuais à literatura alemã e universal, ela publica sempre um vasto relatório sobre livros recém-publicados do mercado alemão e internacional, geralmente em apreciação crítica. De grande e particular valor são os seus "Retratos de poetas" e os trechos extraídos das obras de autores conhecidos e desconhecidos. Sua parte de bibliografia abrange principalmente as secções: romance, novela, narrativa lírica, ciência da linguagem, teatro, história, pedagógica, sociologia, religião, técnica e livros para a juventude.

Reinaldo Bossmann

DER KRANICH — EIN JAHRBUCH FUER DIE DRAMATISCHE, LYRISCHE UND EPISCHE KUNST — Herausgegeben von Bernt von Heiseler und Hans Fromm, 1. Jahr, 1959, 159 s., Verlag J. F. Steinkopf, Stuttgart.

Der Wahlspruch dieses Jahrbuches ist: Dum spiro spero. Die Verfasser wollen an die Haltung der 1943 zum letzten Mal erschienenen Zeitschrift "Corona" anknuepfen, die von Martin Bodmer und Hermann Steiner begruendet und herausgegeben wurde. Im Vorwort sagt Bernt v. Heiseler. "Es ist gegen die Absicht dieser Hefte, die Dichtung als Experimentierkunst im Laboratorium, zur Erzielung neuer Mischungen, auszuueben." Die gute Absicht der Herausgeber, im redlichen Bemuehen, in dieser Hinsicht ist vorhanden. Davon zeugen die vorliegenden Proben im "Kranich". Trotzdem scheint die Formulierung des zitierten Satzes verstiegen. Denn wahre Dichtung, als Kunstwerk, wird wohl nie aus der Retorte des Laboratoriums hervorgehen!

Eine weitere Zitierung Bernt v. Heisellers: "Wir sind wohl nicht allein mit der Meinung, dass eine Zeitschrift noetig sei, die sich der deutschen Dichtkunst als ihrer einzigen Aufgabe widmet, der Dichtkunst in ihren drei Hauptformen..." Nun, wir sind anderer Meinung: unbedingt noetig war die Herausgabe dieser Jahreszeitschrift nicht. Sie wird sich sicher nur, leider, von oeffentlichen Goldern am Leben halten koennen. Unbedingt noetig sei aber die Herausgabe einer **kritischen** Zeitschrift, gerade fuer die Dichtkunst in ihren drei Hauptformen: der epischen, lyrischen und dramatischen (mit etwas Einschuss gesunder literarischer Kritik)!

Reinaldo Bossmann

A CANÇÃO DE ROLANDO — ESTUDO INTRODUTIVO E TRADUÇÃO DE C. D. LEONI — Atena Editôra, São Paulo, 1958.

A Editôra Atena vem granjeando méritos incontestáveis com a sua Biblioteca Clássica, oferecendo ao público brasileiro, amante das letras e da cultura, obras estrangeiras importantes em excelentes versões. A tradução de **A Canção de Rolando** é devida à conhecida competência do Prof. Giulio Davide Leoni.

A importância desse poema, atribuído a Turoldo, trovador normando do século XII, é grande, não somente como expressiva obra literária da Idade Média, mas também pelo influxo que exerceu sobre as ricas literaturas neolatinas européias. Em especial, lembramos que famosos poetas épicos italianos — Luigi Pulci, Matteo Boiardo, Ludovico Ariosto — tiraram das canções de gesta medievais abundante matéria para seus poemas de cavalaria.

A Canção de Rolando evoca "as guerras de Carlos Magno contra os sarracenos invasores da Europa, a valentia sobre-humana dos doze pares e, dentre eles, especialmente a figura de Rolando, o paladino excepcional entre os excepcionais". Trata-se de um livro precioso e útil para os cursos de letras de nossas Faculdades, em primeiro lugar; mas a leitura desse volume proporcionará agradáveis emoções artísticas outrossim aos homens que apreciam as obras literárias. A mais linda canção de gesta da Idade Média deveria "ser lida como uma bela fábula, sem comentário algum, com a ajuda somente da fantasia e do coração", conforme diz o Tradutor. Quis êle, entretanto, acrescentar uma "Introdução", cheia de viva e límpida erudição, para melhor fazer compreender aos leitores a famosa e formosa canção, "que tem alimentado a imaginação de inúmeras gerações de jovens da França e de todo o mundo". As notas explicativas, no fim do volume, são também de valioso auxílio para a melhor compreensão do texto. É de se notar que se trata de uma tradução rica de valor artístico, fruto

de esforço ingente e rara competência lingüística. O Prof. Leoni, para levar a cabo este trabalho, serviu-se da edição crítica de Bertoni e da de Bédier.

Este poema, cheio de encanto poético, publicado pela primeira vez em língua portuguesa, no Brasil, oferece-nos a visão épica das façanhas humaníssimas dos heróis da retumbante cavalaria medieval, cantadas com a candura cativante que deviam ter quando floresciam na boca dos povos medievais.

Luigi Castagnola.

J. MATTOSO CÂMARA JR. — **PRINCÍPIOS DE LINGÜÍSTICA GERAL - Livraria Acadêmica, Rio, 1959, 3.ª ed., 406 pp.**

A 2.ª ed. desta obra mereceu de nossa parte a recensão constante em o n.º 2 de "Letras", 1954. A presente não só é revista, senão ainda aumentada de vários capítulos, no fim dos quais há um resumo e indicação de leitura.

Novas observações fazemos a este importante livro, indispensável na biblioteca de todos os estudiosos das ciências lingüísticas.

P. 17-18 — Se a hipótese de J. van Ginneken, a propósito da origem da linguagem oral, lhe "parece destituída de qualquer probabilidade", a de Marcel Jousse estaria na mesma condição? Vale a pena meditar a hipótese desse jesuíta, a qual, embora um tanto transcendente ou "metafísica", deveria merecer a consideração do prof. Câmara Jr. Trata-se dos *Études de Psychologie Linguistique - Le Style oral rythmique et mnémotechnique chez les verbo-moteurs* "in" *Archives de Philosophie*, vol. II, cad. IV, Paris, 1925. Esta obra foi resumida pelo pe. Robert Jaquin no opúsculo *Notions sur le Langage d'après les Travaux du P. Marcel Jousse*, Paris, 1929.

Achamos deficiente o § 6, reservado a **língua e discurso**. Repetimos aqui o que foi dito sobre a 2.ª ed.: "Indispensável em obra desta natureza é apreciar criticamente, com Henri Delacroix e Karl Bühler, a insuficiência da dicotomia saussureana **língua e discurso**". Acrescente-se aí Eugênio Coseriu que, felicíssimo, salientou a **norma**.

P. 40 — Deficiente é ainda o § 12 (a gramática comparativa), relacionado com o § 155 (a classificação genética). Diz, p. ex., que o critério do método comparativo "é a circunstância de ter provadamente havido uma proto-língua como matriz ou ponto de partida". Não é isto o critério do método comparativo; a protolíngua é uma consequência lógica deste.

É pela falta desse critério que chega a desnortear o leitor com estas linhas: "Consegue, de progresso em progresso, agrupar num mesmo bloco línguas as mais diversas, e chega ao máximo de eficiência quando contra a aparente evidência, prova haver elo genético onde a descrição gramatical mostra uma separação profunda" (p. 358-359).

P. 39 — A **gramática comparativa** não é método, porém usa do método comparativo.

É escrúpulo demasiado não acolher o termo **família** (lingüística), mas dá fácil acolhida a **filo**, termo das ciências naturais (P. 40).

Morris Swadesh não foge ao uso de "family", se bem que de conformidade com o grau de **parentesco** ("relationship") baseado na sua glotocronologia.

Não sabemos como se possa compreender que a "capacidade comparativa, para oferecer um mínimo de segurança científica, tem afinal, porém, um limite..." Delimitar a comparação não é científico, e, ademais, para se julgar Trombetti é de mister conhecer-lhe as obras, que não têm a finalidade de propor uma língua matriz para todas as línguas do globo. Todas são continuações,

sob certo aspecto, da língua primitiva no sentido absoluto! Encaminham-se para essa direção as investigações glotológicas atuais.

Se "a técnica comparativa já é bastante apurada para aventurar-se a comparar blocos, ou famílias, na base das suas protolínguas a fim de chegar a um macro-bloco ou filo", por que duvidar da "técnica monogenística" de Trombetti?

Deveria Câmara Jr. anotar que não existe apenas uma classificação genética, mas várias, dependendo dos conhecimentos do classificador em reconhecer ou admitir, ou não, certa ou certas línguas como parentes de outra ou outras, ou de encaixá-las em determinada família.

Seria proveitoso incluir nas leituras subsidiárias do cap. XVII - **empréstimo e sua amplitude** - a mais importante obra sobre o assunto, a monografia de Louis Derooy - **L' Emprunt Linguistique**, Paris, 1956, que recenseamos no n.º 7-8 de "Letras", assim como incluir no local adequado a obra de Frederick H. Jungemann - **La Teoría del Sustrato y los Dialectos Hispano-romances y Gascones**, Editorial Gredos, Madri, 1956.

Os "Princípios de Linguística Geral", repetimos, é obra imprescindível a qualquer biblioteca especializada, necessária não só aos professores de Português, mas aos professores de qualquer língua, indispensável aos alunos das faculdades de letras, e a todos os não-especialistas ou curiosos que queiram ter uma visão ampla e nitida dos fenômenos lingüísticos.

R. F. Mansur Guérios.

ALBIN LESKY, HISTÓRIA DA LITERATURA GREGA (EM 13 CADERNOS), editora Francke, Berna, 1957/58.

Albin Lesky é professor de Filologia Clássica na Universidade de Viena. Uma obra como esta no campo das pesquisas da Antiguidade faltava até agora e foi por isso uma necessidade da primeira categoria, já por anos. Lesky forma a matéria rica, profundamente, numa maneira clara e de narração atraente. O autor divide sua obra nos seguintes capítulos: a epopéia homérica, o tempo arcaico, o tempo das pólis gregas, o helenismo e o tempo dos imperadores.

Reinaldo Bossmann.

ARNO BORST, DER TURMBAU ZU BABEL (A CONSTRUÇÃO DA TÔRRE DE BABEL). HISTÓRIA DAS OPINIÕES SOBRE A ORIGEM E AS VARIEDADES DAS LÍNGUAS E POVOS. Editora Hiersemann, Stuttgart.

Esta obra já se compõe de três volumes. Dois outros ainda deverão seguir. O estudo sobre a origem e as variedades das línguas leva o autor até o século XIV. Ele se baseia no método comparativo lingüístico. Os resultados de sua interpretação se fundam na relação entre a língua e a vida espiritual do homem. Como material o autor usa sobretudo a História, principalmente crônicas, tradições e comentários, incluindo a história da religião e cultura. As conclusões sobre as línguas, que oferece, são de valor diferente. O quadro da história dado por ele tem singular valor e enriquece as pesquisas históricas.

Reinaldo Bossmann

SCHWEIZERISCHES IDIOTIKON - DICIONÁRIO DA LÍNGUA SUÍÇA-ALEMÃ, organizado por ordem da Sociedade de Antiguidades em Zurique", caderno 150, Vol. XII, fôlha 38-41, de autoria de H. Wagner, G. Saladin, I. Suter, K. Meyer, P. Salcher, Editora de Huber & Co., Sociedade Anônima, Frauenfeld, 1958.

O 150.º caderno do vocabulário de idiotismos nos dialetos da Suíça contém os grupos **Dagg** até **dukt**, entre eles também as palavras que os dialetos re-

gistram com a pronúncia de “t” na sílaba inicial. Cada palavra está documentada, sua literatura e divulgação, como as diferenças nos diversos dialetos de cantão a cantão, também nas “Standes- und Berufssprachen”.

Reinaldo Bossmann.

STEFAN SONDEREGGER, DIE ORTS- UND FLURNAMEN DES LANDES APPENZEL (A TOPONÍMIA E OS NOMES DE CAMPOS DA REGIÃO DE APPENZEL), VOL. I, EXPOSIÇÃO GRAMATICAL, 634 PGS., “in” CONTRIBUIÇÕES À DIALETOLOGIA SUÍÇO-ALEMÃ (BEITRÄGE ZUR SCHWEIZERDEUTSCHEN MUNDARTFORSCHUNG), EDITORA HUBER & CO., SOCIEDADE ANÔNIMA, FRAUENFELD, 1958.

O autor dá uma exata e fiel descrição da história do referido dialeto. Os nomes de localidades e campos servem-lhe para a pesquisa do vocalismo, consoantismo e formação dialetal das palavras. Sonderegger segue, no método, as normas e diretivas de Adolf Bach e Ernst Schwarz.

Reinaldo Bossmann.

GERMANISCH-ROMANISCHE MONATSSCHRIFT - FUNDADA POR HEINRICH SCHRÜDER, EDITADA POR WOLF SCHROEDER, CARL WINTER UNIVERSITÄTSVERLAG, HEIDELBERG.

Conhecidos especialistas das filologias germânica e românica são os autores de contribuições desta revista trimestral. A revista tem caráter puramente científico e serve unicamente à pesquisa germano-românica, tanto ao antigo como ao moderno departamento das mencionadas filologias.

Reinaldo Bossmann.

DEUTSCHER SPRACHATLAS, MARBURG - PUBLICADO POR WALTER MITZKA E LUDWIG SCHMITT, EDITORA WILHELM SCHMITZ, GIESSEN, 1958.

O Atlas Lingüístico Alemão, volume 7, apareceu no septuagésimo aniversário de Walther Mitzka. A obra registra, assinalando em mapas, a distribuição, a difusão pela área da língua alemã e os diversos significados nos dialetos, das seguintes palavras: **bezerra, ovelha, porca, leitão, pato, ganso e pombo**. Os mapas, claros e bem elaborados, demonstram a variedade das designações dialetais desses termos. Também raridades e fatos repetidos das diferentes áreas dialetais foram anotados e assinalados. O trabalho no Atlas Lingüístico Alemão baseia-se no aproveitamento criterioso de inquéritos demorados e numerosos, conforme o modelo de um questionário padrão e de pesquisas individuais sobre a geografia lingüística no dialeto. Da abundância dessas pesquisas isoladas, aumentadas pelos inquéritos para o Atlas Lingüístico Alemão, citamos apenas algumas que apareceram na série de publicações denominadas “Giessener Beiträge zur deutschen Philologie”:

Gisela Ruppenthal, Die Brombeere - Untersuchungen zum Deutschen Wortatlas, 1952.

Elisabeth Diedrichs, Die Schlüsselblume - Untersuchungen zum Deutschen Wortatlas, 1952.

Edeltraut Knotschke, Genick und Knöchel, - Untersuchungen zur Wortbildung, 1956.

Walter Hoffmann, Schmerz, Pein und Weh - Studien zur Wortgeographie deutschmundartlicher Krankheitsnamen, 1956.

Maria Ptatschek, Lamm und Kalb - Bezeichnungen weiblicher Jungtiere in deutscher Wortgeographie, 1957.

Margret Sperlbaum, Tiernamen mit K-Suffix in diachronischer und synchronischer Sicht, 1957.

Reinaldo Bossmann.

JOSÉ PEDRO MACHADO - **DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA - Editorial Confluência**. Lisboa, 1953 - 1959, 1.ª ed., 2.380 pp. — **INFLUÊNCIA ARÁBICA NO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS, v. I, edição de Álvaro Pinto ("Revista de Portugal")**, Lisboa, 1958, 339 pp.

Temos agora um dicionário etimológico atualizado. O de Antenor Nascentes, quando apareceu em 1932, já declarava na capa — "primeira e única edição". Destarte, fazia-se mister um novo dicionário com as novidades que surgiram no decorrer desses anos.

Tarefa gigantesca, outro luminoso marco indestrutível na história da filologia peninsular, posta-se na mesma plana do monumental **Dicionário Crítico Etimológico de la Lengua Castellana** de J. Corominas, embora este o sobrepuje pelos verbetes, verdadeiras monografias.

Preocupa-se o A. com a perspectiva da crítica, dos "críticos de 11.000 olhos, que ainda não nos deram obra como esta" (p. 2.196 e também 2.379).

Se se critica qualquer artigo, mesmo bem modesto, seria para admirar que uma obra singular como esta, pudesse fugir ao julgamento dos que labutam no mesmo campo, embora não tenham os juízes feito obra como a sua. Alegar que é um amador e não profissional, em vista de não ter obrigação alguma de produzir trabalho dessa natureza, é agravar a responsabilidade do filólogo e professor que é José Pedro Machado. Ademais, é inconcebível, no caso, a distinção entre amadorismo e profissionalismo.

O próprio A. (ainda bem!) manifesta francamente que não sabe "quando deixará de lhe encontrar passos em que reconheça a necessidade de correções, modificações, acrescentos". E espera também "contribuições provenientes das críticas objetivas e, como tal, realmente honestas"; pretende mais tarde "aproveitar todo o material útil de que então disponha". Há, portanto, perspectiva de nova edição, e mesmo tal se deduz da capa - "1.ª edição".

Se bem que eu não tenha até agora elaborado um trabalho à altura do presente, tomo a liberdade de dar alguns palpites, objetivos, leais, não esperando todavia que os mesmos sejam acolhidos.

Em primeiro lugar, não merece aprovação, é o meu pensar, a estrutura do dicionário (*). É, sim, de fato, econômico reunir sob um único título os cognatos, derivados e compostos, mas não é prático. Ademais, é somente um especialista que pode encontrar no título de **cóclea** o vocábulo **colher**. Quem descobriria em **cidade** o adjetivo **cívico**? E **ôlha** em **ola**? Quem poderia atinar com **equipar**, **equipagem**, **equipamento** sob o verbeito do cognato **esquife**? E **taleiga** s. v. **teiga**? E **animatógrafo** s. v. **alma**? E **altar** s. v. **alto**? E **basco**, **vasco**, **vasconço** s. v. **gascão**? E **feijão** s. v. **faseólea**? E **finança** s. v. **fim**? A tendência do leitor não é procurar no fim do livro a lista alfabética, mas no corpo do mesmo. Se o recurso é buscar sempre o índice, então poder-se-ia dispensar a ordem alfabética dos verbetes no corpo da obra! Além disso, o A. nem sempre procedeu com uniformidade, pois não postou no verbeito **coração** os corradicais

(*) A ordenação alfabética dos verbetes mereceu igualmente reparos da parte do filólogo patricio A. G. Cunha - **Recensões Críticas "in" Rev. Bras. de Filologia**, v. 2, t. II, dez. de 1956.

acordar, acorde, acordeão, acordina..., ou, vice-versa, em **acordar** o étimo de **coração**, etc. Por que deixou de incluir **atitude** em **apto**? Por que não inseriu **evidência** em **ver** ou vice-versa? Por que omitiu **vereador, verear, vereação**, no verbete **vereda**? Por que não introduziu no título **mão** os corradicais **manco** e **molho**? E no verbete **cadáver** os cognatos **cair** e **cajão**? **Bucal** deveria incluir **bôca** ou vice-versa. Por que não colocou num só verbete **pôrto, porta, portar**, etc. E poder-se-iam multiplicar os exemplos.

Colocou no verbete **sentir** o vocábulo **sentinela** quando, na verdade, é o italiano **sentinella** que tem por base o verbo **sentire**. Devia incluir **tento**² s. v. **talento**. Porque separou **cal**, “rua”, de **cale**, “rua”?

Apesar de ser dicionário de abundantíssimos títulos, e nisto leva a palma ao de Nascentes, não registrou os seguintes, entre outros: **ave** (= salve!), **equipe, equipo** (diferente do anterior), **engrimar-se, cachalote, godalho, chiclete, ficha** e os cognatos **fichário e ficheiro, reitre, hemeroteca** ou **hemerioteca, petitório** (= mosteiro), **fogo sagrado, frade menor, irmão terceiro, charque, xampu, botafogo, frama** (= presunto), **alpe** (= travesseiro), **regoliz, anafil** (espécie de trigo), **anorquia, apiciadura, dinar** (= moeda indiana), **gaiva, gaivação, gaivagem, esgaivar, esmocar, alergose, acroataxia, acromodermia, angúria, atopia, botão-de-fogo, cesarite, diplopsia, eleopatia, etiltropismo, fogo-selvagem, glossina, ilectomia, inglutir, macrogenetossomia, macrogonato, petite, polimixodite, relaxina, sacralização, tixotropia, gel, geode, acentual, abundancial, aclimar, aclimatizar, arteriola, asnátego, bulevar, aftongia, anergia, anisto, auxia, desjejum, ecronómetro, erginas, escelotirbe, habromania, hálus, hemibalismo, ixodômetro, leniceto, mercúrio-cromo, neurobiotaxe, ortoscelia, tebaina, tetelina, trefônio, ursal, ursol, veratrol, hanseático, heliântemo, helianto, hiacintino, himenial, hiosciamina, desgaste, desgastoso, desinfeliz, diamantino, emprir, dátilo, dátil, ovacionar, estenderete, imposta, incestar, etimologizar, exorcismar, lecitídea, flamear, formável, meijoada, estatelar, coitelo** (= cotovêlo), **alporão, esparzir, soquete** (corradical de **soco**, “caçado”), **sôco** (= bofetão), **fim-de-semana, super-homem, prógono, alô!, taibo** (adj.), **jaz, sanforizar, pressurizar, alalá, puchal, marxismo, álapa, aristocrata, sor** (= sóror), **prestação, názi, nazismo**, etc. Não consignou **anta** aplicado ao **tapir**, mas s. v. **tapir** há citação de Fernão Cardim onde há referência a **anta**. Há quase ausência de etnóminos referentes aos indígenas das Américas.

Apesar dos predicados que colocam o novo léxico acima do de Nascentes, a obra dêste ainda é indispensável, como se pode comprovar em mais de um verbete, como, p. ex., **fovila**, no qual consta o seguinte - “de etimologia controversa; vj.: Nasc. - I, s. v.”; **leixão** - “etimologia obscura; vj.: Nasc.” É que, como bem diz o A, “todos os mais são e serão seus seguidores”. A propósito de **cidadão**, s. v. **cidade**, transcreveu longo trecho de Nascentes. Outros verbetes, porém, são inferiores aos do pioneiro; cf., p. ex., **rosário**, s. v. **rosa**. E, mesmo sem cotejo, muitos são pobres, para não dizer paupérrimos, mormente pelo aspecto histórico: **africânder, álbum, canibal, gripe, epigono, fotografia, se-singueira, mercerizar, veterinária, cancha, verear, valquíria, homeopatia, ortopedia**, etc.

Infelizmente, muitas vezes, o A. remete o leitor a revistas e mesmo a obras nem sempre fáceis de consultar, pela raridade ou por qualquer outro motivo. É tarefa do lexicógrafo, assim penso, dar um resumo satisfatório. Outras vezes há frequência de longas transcrições, não só no vernáculo - senão ainda em língua estrangeira. É verdade que isso, de certa maneira, valoriza a obra, mas perde muito da personalidade, para não dizer originalidade. E um dicionário etimológico é também feito para os não-especialistas.

Não sei por que incluiu nomes próprios — **Alá, Buda, América, Brasil**, etc. Parece que o A. não distingue, nas fontes, os topônimos ameríndios dos nomes comuns ameríndios, pois ao lado de **Curitiba** se acha, com inicial minúscula a

forma **curituba**. Na realidade, não existe como nome comum, mas próprio. Em vez dos topônimos, e numerosos são (**Assungui, Itibaia, Babitonga, Bacataba, Baependi, Bagé, Bertioga, Avanhandava, Botucatu, Butantã, Dupeva, Jacarei** etc.), o A. deveria acolher mais nomes comuns de origem tupi, como — **itã, itaberaba, itacuã, itacuruba, aiapuá, aiaçá, jabá** (“uma ave”), **jacaçu, jacanarana, jacarei, jacarerana, jacaretinga, jaci** (“palmeira”), **jacruaru, jacundá, japecanga, jacaratiá, nhacundá, nhandiá, nheengatu**, etc.

Infelizmente não possuímos ainda um verdadeiro dicionário etimológico tupi (*). As obras sobre as quais se firmou J. P. Machado para a parte lingüística tupinica, não merecem confiança. Uns oitenta por cento dos étimos de Teodoro Sampaio, de Batista Caetano e de Rodolfo Garcia são fantasias. Repetidor deles é Clóvis Monteiro.

J. P. Machado ficou tão preso à anatomização tupinica desses autores que ante o vocábulo **huri** chegou a declarar: “Do tupi, mas T. S. não indica de que vocábulo”.

Na parte propriamente etimológica, são necessárias estas observações:

De acordo com as “leis fonéticas” latino-portuguêsas são inexplicáveis ***graculo** para **gralho**, **craticula** para **grelha**, **crepitare** para **gretar**, **articulu** para **artelho**, **adserere** — **asserir**, **adsidiu** — **assiduo**, **ad sic** — **assi** ou **assim**, **adsistere** — **assistir**, **adsolare** — **assolar**, **adtingere** — **atingir**, **adtrahere** — **atrair**, **adtribuere** — **atribuir** ***aegyptiacu** — **aziago**, ***solutare** — **soltar**, **battuaculu** — **badalo**, ***bisaculu** — **bisalho**, **Burgundia** — **Borgonha**, **bra(c)chiu** — **braço**, **cauda-coa**, ***cinisia** — **cinza**, **fallere** — **falir**, **falsu** — **falso** (êste é erudito), **fuligine** — **fuligem**, **fremere** — **fremir**, **falbariu** — **fouveiro** (cp. **toupeira**, cuja história não explicou) **seducere** — **seduzir**, ***laceu** — **laço** ***abbracchicare** — **abarcar**, **petrense** — **pedrês**, **portucalense** — **português**, **carpinu** — **carpa**², **caule** — **couve**, ***capsea** — **caixa**, ***acordare** — **acordar**, ***figicare** — **ficar**, **sucidu** — **sujo**, ***muccu** — **monco**, **tertublo** — **tortulho**, **tribulu** — **trilho**, **lenteu** — **lenço**, ***aquiminile** — **agomil**, **aqua** — **água**, ***sufférere** — **sofrer**, **tubu** - **tulha**, etc. Isto quer dizer que tais não são as fontes próximas, porém remotas. Nada obstante, às vêzes, o A. se preocupa com as fontes próximas com as “leis fonéticas”: **Choco**² — do lat. **cucculu**: “Deve ter havido os intermediários ***cuclu-** e ***cluclu-**”. Em **lascar**², contesta, “por motivos fonéticos, entre os quais sobressai o da conservação do -c-”, os étimos propostos ***laxicare** e ***lassicare**. **Mês** e **mesa** têm, respectivamente, por ponto de partida **messe** e ***mesa**. Ver também s. v. **choupa**. Em **abadia** - “O lat. **abbatia** [com i breve] não pode, evidentemente, explicar êste vocábulo, mas sim **abbatia** [com i longo].”

Ainda na parte etimológica, convém rever alguns tópicos: **abstêmio** nada tem com **abster** (v. Ernout-Meillet). Deveria relacionar **grugulejar** com a onomatopéia **gluglu** (v. Sá Nogueira), **Elem. para um Trat. de Fonét. Port.**, 1938, p. 219). **Finar** continua ***finnare** (v. J. L. de Vasconcelos, **Estudos de Filol. Mir.**, II, p. 189) e não de **fim**. A forma **jejumar** (jejuar) dos **inéd. de Alcobaça**, II, p. 144, deve ser explicada do mesmo modo que **uma** (lat. **una**). E o -m- de **uma**, etc., tem explicação melhor A. de Faria Coimbra em **Algumas Formas de Diferenciação**, S. Paulo, 1951, p. 26. **Palhoça**, derivado de **palha**, não é bastante (cf. Serafim Silva Neto, **Rev. Filológica**, Rio, 1942, n.º 16, p. 279-280). **Burru**

(*) É verdade que já foram dados os primeiros passos neste sentido. É bem recente, p. ex., a **Contribuição para a Etimologia dos Brasileirismos** de Aryon Dall’Igna Rodrigues, sep. da **Rev. Port. de Filologia**, v. IX, 1958, Coimbra, 1959.

(**) Por deficiência tipográfica, deixo de anotar a quantidade nas vogais latinas.

+ **ecu** não pode dar **borracho**, nem o gótico **brauth** > port. **broa**. Não explica **foão**, **fuão** cognato de **fulano**. **Afamar** (s. v. **fome**) poderia muito bem provir de um ***affamare** que produziu o fr. **affamer**, o it. **affamare**, o prov. arc. **afamar**. Não está claro **comitre** (s. v. **conde**) do lat. **comite** pelo ital. ant. **còmitre**. **Abacate** em náuatle não é **auacate**, mas **ahuàcatl**. **Moscatel** provém do italiano e não diretamente do lat. **muscu**, e **moscoso** talvez seja do espanhol.

Para contestar a origem africana de certos vocábulos, não vale alegar a documentação do séc. 16 (p. ex., a propósito de **minhoca**). Há palavras dessa origem introduzidas no idioma graças aos contactos lusos na África, antes de o Brasil ser descoberto. É bem provável que outro exemplo símile seja **facã** (e do port. passou ao esp.).

Roca, “rocha”, pode provir de um idioma pré-romano, mas através de uma forma latina ***rocca**.

Insuficiente dizer que **cemitério** significava ‘dormitório’.

Não basta afirmar que **pranta** é divergente de **planta**. Não é certo que **cravo**, “prego” seja erudito, e é falho apresentar singelamente **fraco** do lat. **flaccu**.

A propósito de **estrêla**, Pedro Machado fez ver, muito razoavelmente, a inconsistência da hipótese que se estriba na influência de **astro**, com apresentar diversos exemplos em que o **r** é adventício sem ser devido ao **r** de **astro**. Na realidade, cada caso possui explicação diferente. Por outro lado, o A. não tomou conhecimento da hipótese sugerida por Harri Meier em **Mirages Prêlatins**, Francoforte-do-Meno, 1952, em que êste romanista parte de **stellula**, **sagittula**, ***genistula**. etc., para explicar **estrêla**, **setra**, **giestra**, etc.

Por que não deu o étimo remoto do fr. **champagne**, como deu a outros estrangeirismos?

S. v. **loendro** há o seguinte: “Do lat. tardio **lorandru**, locução viciosa por **rhododendron**, em S. Isidoro...” — Que locução há aí? E que é vicioso? Por quê?

Acho razoável a ligação que faz J. P. Machado entre **garoto** (que a êle e a mim parece haver aí o sufixo **-oto**) e o francês **garu**, **garçon**. Estou propenso a ver nêles um elemento pré-latino ou pré-indo-europeu **gar-** com a idéia genérica de “homem”. É, contudo, contradição em muitas famílias lingüísticas, dada a monogênese (**guri**, **gori-la**, ingl. **gir-l**, etc.). **Gorila** deriva-se de uma palavra africana, equivalente ao jalofu **gor**, “homem”, ao fulu **gor-ko**, idem (Trombetti), e provável de outra língua africana **guri**. No inglês médio **girle**, **gerle**, **gurle** são freqüentemente usados com o sentido de “moço, criança”. A base germânica é ***guril**. diminutivode ***gur-** (Skeat). Talvez aqui se prenda o sânscrito **guru**, “peço-a grave” (> malaio **guru**, “professor”).

O **manequim**, empréstimo ao port., não foi o **mannequin** francês, “certo tipo de cêsto” (Bloch-Wartburg), porém o **mannequin**, francês, diminutivo de **manne**, “homem”. Não seria aquêlo o sentido para o texto “. . . e já me lembro / De vários Maniquins empanturrados, / Que passeião as ruas de Lisboa. . .”, de Correia Garção.

Não está certo o constante s. v. **menu**: “Do lat. **minutu**; p. p., . . . mas que cedo tomou em fr. o sentido de “lista de refeições”.

Às várias etimologias propostas para **moço**, não será demais a que apresentei em **Tabus Lingüísticos**, Rio, 1956 — **Moço** talvez seja continuador de um lat. ***mustu** ou ***mustiu**, “homem”, documentado no fem. dim. **mustela** ou **mustella**, primitivamente “mulherzinha” e depois ou logo aplicado à “doninha” (cp. **done**, **dona** + **inha**). Em lat. há **Mustius** e **Mustela**, nomes de homem. Quanto ao **ç**, se proveniente de ***mustu**, eu c explico por influxo moçarábico

(metátese **-st-** > **-ts-**, v. Amado Alonso, **Estudios Lingüísticos**, Madrid, 1951, p. 128).

Quanto a **almôço**, eu atribuo influência arábica, embora singular pela fonética, como o é o esp. **almuerzo** (v. **O Romancço Moçarábico Lusitano** “in” **Letras**, nºs 5 e 6, Curitiba, 1956, p. 144).

O port. **venda** provém, de fato, do germânico **binda**, mas faltou-lhe acrescentar “pelo latim”. Igualmente em outros exs.: **trégua**, **guarir**, **rapar**, etc.

Em **birra** consta — “Origem obscura. Ibérica? Notar a presença de **-irr-**”. Que adianta ao leitor notar a presença de **-irr-**? Deveria acrescentar que **-rr-** (não **-irr-**) é uma das características fonéticas dos elementos ibéricos.

Está desacreditada a etimologia do topônimo **América**, assentada no antropônimo **Américo** (Vespucci), pois **Américo** é o masculino de **América**, e, portanto, criação posterior, ao passo que o nome do viajante florentino não era tal, porém **Amerigo** (paroxítono), corradical de **Emérico**, do germânico ***Amalareiks** (v. G. Fumagalli, **Piccolo Dizionario dei Nomi Propri Italiani di Persone**, Gênova, 1901, s. v. **Amerigo**, e Sertoli Salis, **Dizionario dei Nomi Propri di Persona**, Milão, 1951, idem). Hoje é questão pacífica que **América** se baseia em vocábulo preexistente a Colombo, de uma língua oceânica (v., p. ex. A. L. Pereira Ferraz, **Américo Vespucci e o Nome América**, Imprensa Nacional, Rio, 1941, e o meu **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**, Curitiba, 1949).

Em referência a vocábulos ameríndios, há algo a reparar: **Aguaraçu** é confundido com **Iaguaruçu** (s. v. **aguará**). **Guará** encerra dois homófonos — “ave” e “lôbo americano” (**guará** ou **aguará**) que o A. não distingue. **Guaraná** não é tupi, porém da língua maué. S. v. **taiaçu** o A. deveria incluir as formas **tanhaçu** e **tajaçu**, e em **nhandu** deveria introduzir a forma **jandu** ou vice-versa. **Guandu** não é tupi, mas africano (v. Jacques Raimundo, **O Elemento Afro-negro na Língua Portuguesa**, Rio, 1933, s. v.; Renato Mendonça, **A Influência Africana no Port. do Br.**, 2.^o ed., 1935, s. v.: “Tanto o nome como o vegetal são importação da África”), **Graúna** não se deriva de **güirá una**, mas de **guará una**. Clóvis Monteiro não anotou que o **u** de **güirá** é pronunciado, por isto foi assim copiado por Pedro Machado. **Grauçá** provém de **guará uçá** e não de **quara uçá**. Em **jaguar** diz-se que é tupi-guarani; melhor é referir-se a tupi. Por **tupi-guarani** deve-se entender a família lingüística que abrange numerosas línguas e dialetos: tupi, guarani, guajajara, etc. **Pernambuco**, termo de Botânica, parece que não existe, nem talvez sob a forma **pernambuco**. Acrescente-se a **Jamundá** a forma **Nhamundá**. Em **ibirapitanga** deveria dizer que é o nome tupi do célebre “pau-brasil”. **Paraná** é, sim, continuador do tupi **paraná**, “rio”, “mar”, e não de **mbará**, seu cognato. Tanto **meru**, “planta”, como **meru**, “vespa”, são tupínicos (o último se acha, p. ex., em Teodoro Sampaio, como “môsca”). **Meruí**, ou **meruim**, do tupi, quer dizer “mosquinha” (“um tavão, quase microscópico, que na vazante infecta as praias dos rios”, anota Stradelli, **Vocabulário Nheengatu Port.**).

Na parte das definições, peca por dá-las nos vocábulos corriqueiros e por omiti-las em vocábulos raros. Assim, por que definir **abelha**, **mar**, **fonte**, etc., E, ao contrário, por que não definiu **arucu**, **arti**, **barangai**, **clique**, **coiote**, **dal**, **eqaúna**, **francolim**, **fulda**, **garabu**, **garna**, **hang-chien**, **imala**, etc.?

Em **aplócero**, p. ex., incluído s. v. **aplo**, “simples, etc.”, por que não trazia o elemento **cero**?

No verbete **assuai** consta — “do teto **asuáin**, adj.” Que língua será? Não sabe o leitor, porque não o encontra no **Dic. Etim.**

Insuficientíssima é a definição de **mistifório** — “de foro misto.”

Registrou **gestapo**, **blitzkrieg**, mas não definiu bem; faltou referir-se ao

hitlerismo. E será bastante dizer que **estacanovismo** provém “do antr. **Stakhanov**, mineiro russo iniciador do sistema (1935), pelo fr. **stakhanovisme**”?

Não definiu nem explicou a origem de **cabido** ou **capítulo** da linguagem eclesiástica.

Insuficiente é, ainda, o que consta s. v. **borracha**.

Não basta — “origem onomat.” — a **lenga-lenga** (v. Antenor Nascentes).

É quase nada o que há sobre **parabém**.

Tanto **abstinência** quanto **blasfemar** são, de fato, de procedência erudita, mas eclesiástica.

No respeitante a citação de autores e obras, há o que respigar: Averbá **esquiça**, consoante Morais, porém neste eu não o encontro. Trata-se de **esquisa**, **exquisa**? O Dicionário de Morais, que assim se deve considerar, é o da 2.^a e última edição — 1813. “Não houve depois outra. O mais é “candonga” (v. Melo Carvalho, **O Dicionário de Morais** “in” **Rev. de L. Port.**, Rio, 1922, n. 16, p. 201).

A respeito de **bus**, não fêz referência a João Ribeiro, **Frases Feitas**, I, 1908, p. 26 a 28.

A propósito de **abantesma**, **coentro** (= **coendro**), **loendro**, teria sido de proveito ao A. a consulta de **Fontes do Latim Vulgar**, 2.^a ou 3.^a ed., de Serafim da Silva Neto. Dêste mesmo filólogo o A. poderia transportar para **estatelado** o consoante na **Rev. Filológica**, Rio, 1942, n.º 18, p. 147. Ademais, deveria também incluir o verbo **estatelar** (v. Francisco Fernandes, **Dicionário de Verbos e Regimes**, 11.^a ed., 1953), com abonações de autores brasileiros, é verdade, mas igualmente uma de Rebêlo da Silva. **Estatelar** acha-se ainda em Figueiredo (4.^a ed.), em Francisco de Almeida (**Novo Dic. Universal**, I, Lisboa, 1891), etc.

Em **choupana** deveria citar Serafim da Silva Neto que apresentou uma etimologia (v. **Rev. Filológica**, Rio, 1942, p. 144).

S. v. **corgo** faltou a contribuição de Vincenzo Cocco — **Ibero-rom. “Córrego, Corgo”**, Coimbra, 1952.

Por que não aproveitou o que escreveu S. Silva Neto, a propósito de **lesma**, nas **Fontes do Latim Vulgar**?

S. v. **maocha**, acrescenta-se a forma **maochas** de Jerônimo Ribeiro, segundo Joseph M. Piel (**Miscelânea de Etimologia Port. e Gal.**, 1953).

Segundo Ernout-Meillet (**Dict. Étym.**), o lat. **Manes** é uma expressão eufêmica aplicada aos espíritos dos mortos.

Em **rim**, Pedro Machado julga “que ainda não se estudou com alguma atenção a etimologia dêste voc., . . .”, mas teria proveito, se tivesse consultado as **Fontes do Lat. Vulgar** (ou a 2.^a ou a 3.^a ed.) de Serafim da Silva Neto.

S. v. **charco**. por que não citou Corominas? Teria muitas achegas para a sua obra, se o dicionário etimológico de Corominas fôsse mais bem aproveitado.

Foi esquecido o estudo de Joaquim da Silveira a propósito de **zebra** (**Rev. Port. de Filol.**, 1948, p. 220).

Fazem-se necessárias algumas observações na parte ortográfica, independente do sistema seguido pelo A., que difere do nosso.

Não é por mera convenção que se escrevem os nomes de origem tupi com **j** ou com **ç**, mas por motivo de ordem fonético-histórica, portanto, não se recomenda **giquitibá**, **gerimu**, **gia**, etc. É verdade que o A. registrou também **jerimum**, sem tomar tento que se trata do mesmo vocábulo que representou sob estas formas **gerimu**, **gerimum** e **gerumu**. Igualmente não se recomenda **bossoroca**, **vossoroca**, **assaí**, **Assaquera**, **Assaré**, **Assungui**, **Bassuí** (e não **Bassubi**), etc.,

mas **boçoroca**, **açai**, **Açaqüera**, **Açaré**, **Açungui**, **Baçuí**, etc. É que o A. se baseou, p. ex., em Teodoro Sampaio sem se inteirar do nosso vigente sistema ortográfico oficial (1943).

Não é **nauatle**, mas **náuatle**, nem **taino**, mas **taíno**. Não é **menhir** nem na escrita nem na pronúncia, porém **menir**.

Não deveria aportuguesar os antropônimos estrangeiros. Se o fez com **José Inácio Guillotin**, por que não o completou com **Guillotín**? Contudo, o aportuguesamento não foi geral, pois vejo s. v. **brissotista** a francesia **Jacques-Pierre**,

Embora os estudos sobre a contribuição moçarábica no port. sejam ainda incipientes e apesar de o A. haver publicado colaborações sobre o assunto, nem sempre deu atenção a hipóteses dessa influência — **tejano**, **soprar**, **beldroega** (= **verdoega**, não averbado), **craro**, **froco**, **praça**, **defesa**, etc.

Na parte arábica, de que o A. é especialista, algo será comentado em seguida, a propósito da **Influência Arábica no Vocabulário Português**, v. I. No entanto, alguns reparos se farão aqui: **Bismela** não é composto de dois elementos como dá a entender **bism Allah**. Não explicou de que modo **cifa**, “areia”, proveio de **saifa**, ou como de **al-a'lam** pôde-se ter **leilão**, ou de **xá Tranj** o port. **xadrez**. No antropônimo **Saladino** (s. v. **salá**), deveria explicar todos os seus elementos e não só o primeiro.

E aqui faço ponto final. Dada a natureza e a grandeza do empreendimento, seria injustiça ver só falhas e senões de que ninguém se exime, falhas toleráveis umas vêzes e explicáveis outras.

Abundância de verbetes, opulência de documentação, originalidade referente à cronologia vocabular, excelência de numerosíssimos verbetes (**Brasil**, **fi-dalgo**, **laranja**, **tagarela**, **tufão**, etc.) — são os principais predicados deste novo dicionário etimológico de consulta obrigatória, indispensável, e que prestará enormes serviços à Filologia portuguesa e à românica.

* * *

INFLUÊNCIA ARÁBICA NO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS, v. I, é outra obra importante da pena do prof. José Pedro Machado, discípulo que foi do notável arabista Davi Lopes.

Trata-se de vasta coletânea, em ordem alfabética, dos vocábulos de origem arábica introduzidos no português (o v. I abrange **aba** até **azurracha**).

O A. aproveitou o material do **DERP**, como não podia deixar de ser, e deu-lhe acréscimos variados, tornando a obra mais interessante.

Deveria o A. preceder a obra de uma introdução acêra da língua árabe, das suas particularidades fonéticas e morfológicas e das correspondências fonéticas verificadas na história dos elementos arábicos para português. É verdade que no interior dos verbetes vamos achar isso e aquilo, mas incompletamente. Fala-se, p. ex., na parte da transcrição, do **ta marbut** sem mais explicação. A transcrição constante no **DERP** é melhor que a da **Influência**. Neste, p. ex., o **a** longo é representado por tipo diferente, mas não há prévia explicação na secção competente. O leitor desprevenido não sabe também o que é **imala**, de que se fala no contexto.

Há ausência de muitos vocábulos ou formas variantes na letra **a**, tais como **alculo**, **albergate**, **albergata**, **alpergate**, **alpercata**, **alpercate**, **alberje**, **albrecha**, **alcatre**, **alforja**, **almice**, **almiça**, **almeice**, **alfarje**, **alface**, **alفاça**, **alcorce**, **adôbo**, **adibo**, **adiba**, **arrabal**, **atabale**, **alfagém**, **acêtere**, **algazal**, **algazela**, **algarra** (“cova”), **albacar**, **-a** (“porta. . .”), **aletria**, **atabefe**, **azinhavre**, **-bre**, **aldora**, **adriba**, **altâncara** (“pandeiro”), **altair**, **algarvi**, **açáfio**, **alquicel**, **alquiler**, **alvener**, **axarabe**, **axarope**, **aldaba**, **alcabala**, **alfabaca**, **azoque**, **almea-**

ra, azea, azêvre, acebre, alquix, alcacira, azêmela, aimèci, alafia, alamel, alarca, alexão, albaflor, albanil, albardam ("bufão"), albardim, albarrana, alvarrana, albarraz, albatôça, albeitar, albornó, albernó, abercote, alboquerque, albaquerque, albuquerque, albucoque, abricoque, albiquerque, albequerque, albicorce, alboquerque, albrocoque, alvericoque, alboricoque, albotim, arraçaz, albudeca, alcabala, alcabela, alcabila, alcabilda, alcavala ("tropa", etc.), alcáçare, alcáçere, alcaceria, alcazel, alcafor, alcaniz, alcândor, alcaniça, algrivão, alcaria ("planta"), alcarouvam, alcaz, alcoinha ("alrunha"), alcofol ("alcofor"), alcafor, alcorana, ("tôrre"), alcorouvia, alcouço, aldebul, alela, alendar, alfacco ("cogumelo"), alfadia, alfaifa, alfanês, ("animal"), alfanegue ("animal"), alfanete, alfaquique, alfarque, algarroba, alfadega, alfadiga, alfazar, alfeizar, alfaizar, arféloa, alfenico, alfenique, alferizar, alfatete, arforbe, alfoubre, alfoube, alfoufe, alfuja, alfurje, alfuje, algara ("película do ovo"), algarabia, algravia, algarafa, Alderete, afanete, algarrafa, algarvia, aravia, algarvio, algarviz, algarido, algarroba, algarobo, algaziva, algazu, algazua, algebebe, algema ("mesquita"), aljama ("mesquita"), algemia, algeró, algerol, algiroz, algebé, algebeira, aljubeira, aljibeta, aljubeta, algiroz, algol, algorvão, algrevão, algrivão, alguivão, algumia, algrevão, alalum, aleta, aletto, açafraão (térmo náutico), acipipe, acétere, acévar, acéver, azéber, acibe, acicalar ("açacalar"), adia, aldiça, adiva ("parótida"), adiva ("chacal"), aduba ("anúduva"), afinis ("alfenim"), etc. Estas palavras foram colhidas do *Dic. da L. Port.* de Augusto Magne, *Figueiredo* (4.^o ed.), Pinheiro Dominigas (Rev. Filol., Rio, vários n.^{os}.), Sousa (*Vestigios*), etc.

Alguns desses exemplares se acham registrados no **DELP** (alcoina, alface, alcorce, aletria, alcabila, alcabela, alfadia, alfaifa, alfanete, alfenique, aljama, algema ("mesquita") acipipe e os mesmos com outros provavelmente se acharão no volume ou nos volumes subseqüentes sob formas desprovidas do artigo.

Não tendo explicado de antemão a fonética arábica, certo estranhar-se-á o leitor com a origem de *alferes* de *al-fars*, *alféna* de *al-fitnâ*, *atabal* de *aT-Tabl*, etc.

Nem sempre o A. esmiuça os casos difíceis: Como se explica **aD-Dabbâ** > **aldraba**, com respeito ao -r-? E **alcaio** derivado de **al-qauaad**? Não explicou o -r- de **alicerce**, nem o de **alferça**. Para o dêste, o A. não deveria mandar o leitor para o *Boletim de Filologia*, mas reproduzir o que aí publicou, pois se trata de obra alentada com o título — **Influência Arábica no Vocabulário Português**. E sendo esta obra espcializada, não deveria remeter, "para mais considerações" (s. v. *adarga*), ao **DELP**.

O A. registra que **Alá**, "Deus", é do radical **alaHa**, "adorar", dando a impressão de que o substantivo procede do verbo. É bem provável que se tenha verificado o inverso, isto é, que o verbo se tenha formado do substantivo. Cognatos do substantivo são **il**, **el** (assírio **il-**, hebraico **'(e)lo(a)h**, ambos continuadores de ***iláh**). No árabe **allah** há justaposição do artigo **al**; corresponde, pois, ***lah** àquelas outras formas semíticas (cf. árabe líbico **iláh** e com o artigo **alláh**). No italiano **Iddio** verifica-se fenômeno similar de aglutinação do artigo — **il Dio**.

Se **al-khanjal** > **alfange**, por que **al-hajâ** deu **alfaia** e não **alfaja**?

Não crê o A. que **al-khilalat** passasse a **alfilelete** (s. v. **alfinête**), nada obstante é o que consta no **DELP**.

Não foi explicada a síncope do -l- em **adail**, **adua**^l. Como **albaiaD** chegou a **alvaiade**, se **aD-Dai**^á veio a ser **aldeia**? Os **pp** de **acepipe** lembram o **p** da **alpergata**, por que, pois, não fêz aqui as mesmas considerações? Como é que **al-quairuan** se mudou em **Alquerubim**? Nenhuma palavra quanto a **at-tabut** > **ataúde**, nem quanto a **az-zaHhar** > **azar**, assim como a **az-zaby**, **az-zaj**, que se transformaram em **azeviche**, **azeche**.

Em **anta**, devia o A. juntar que êste vocábulo desalojou **tapir**, de origem tupi, em quase todo o Brasil.

É esquisito que o A. represente com **h** os vocábulos **alhacana**, **Alhambra**, **alharca**, **alhela**, dando a impressão de que se deve pronunciar o **l** com êsse fonema como palatal (port. **alho**). Em igual êrro incorreu A. Magne, entre outros.

Não sei por que não chamaram atenção ao A. as variantes acabadas em **-e**, **-o**, para não falar das em **-a**, estas quase tôdas explicadas pelo A. como “individuali” (segundo a expressão de Trombetti). Como se explicariam, senão por vestígios da declinação arábica, exemplares tais e outros símiles: **adufe-adufo** (“tijolo”), **alarde-alardo**, **alcornoque-alcornoco**, **almagre-almagro**, **adibo-adibe**, etc.? E isto é verificável ainda no espanhol e em dialetos hispânicos. Tratei do assunto em **O Romanzo Moçarábico Lusitano** “in” **Letras**, n.ºs 5 - 6, 1956.

Antes do encerramento destas despretensiosas linhas, convém salientar que a documentação apresentada valoriza consideravelmente a obra. Aguardarei os demais volumes, e com satisfação!

R. F. Mansur Guérios.

ARYON DALL'IGNA RODRIGUES — **CONTRIBUIÇÃO PARA A ETIMOLOGIA DOS BRASILEIRISMOS** — sep. da “**Revista Portuguesa de Filologia**”, v. IX, 1958, 54 pp, Coimbra, 1959.

Não resta dúvida que a tupinologia, presentemente, se acha em perspectiva de nova fase, e muito promissora, fase científica séria e benéfica. Estados saindo, felizmente, do período fantasista e quimérico das facilimas anatomizações vocabulares em que cada autor via os fatos por um prisma caprichoso.

No campo lingüístico indígena sobressaem os estudos do prof. dr. Aryon Dall'igna Rodrigues dedicados principalmente ao tupi. A sua **Contribuição para a Etimologia dos Brasileirismos** é um atestado viril de que nova fase se abre aos estudiosos. Trata-se de uma série de brasileirismos de origem tupínica, assentada em étimos documentados, e, por ora, referente exclusivamente ao reino animal.

A colaboração começa com uma breve exposição do problema etimológico tupi e africano, salientando dois fatores que o têm desnordeado — um de natureza geral, e outro, específico — “a falta de método etimológico, isto é, ausência de critérios científicos para determinar a proveniência das palavras” e “desconhecimento, por parte dos investigadores, das línguas tidas como fontes dos brasileirismos, isto é, das línguas ameríndias e africanas”. Em seguida, considera o que seja um étimo documentado, e esclarece o que seja o tupinambá, donde “procede maior quantidade de brasileirismos”. Apresenta as principais fontes da fase lingüística tupinambá dos sécs. 16 e 17. Transcreve fonêmicamente o tupinambá, e, para evitar repetições, dá a documentação correspondente aos sufixos e qualificativos que mais freqüentemente ocorrem, e daí, em ordem alfabética, os verbetes, que são expostos clara e sóbriamente.

Fazemos votos que o A., que, na Alemanha, também se especializou em línguas negro-africanas, venha futuramente com mais uma coroa de louros, apresentando à consideração dos estudiosos uma contribuição para a etimologia dos brasileirismos de arígem africana.

R. F. Mansur Guérios.

ARTUR DE ALMEIDA TÔRRES — **COMENTÁRIOS À POLÊMICA ENTRE RUI BARBOSA E CARNEIRO RIBEIRO** — **Companhia Editôra Nacional**, S. Paulo, 1959, 192 pp.

Com a presente obra, revive o prof. Artur de Almeida Tôrres o famoso combatê singular entre Rui e Carneiro Ribeiro que as novas gerações, infe-

lizmente, mal têm conhecimento, principalmente pelo que toca às suas origens.

Embora decorrido tanto tempo da publicação da **Réplica**, Artur de Almeida Tôrres, filólogo e advogado, com a presente obra, teve a glória de “quebrar o silêncio” de que se lastimava Cândido Jucá: ‘Ninguém argumentou, ninguém discutiu’, com exceção de Medeiros e Albuquerque, jornalista, e José Veríssimo, crítico. Assim, por estas palavras, já vê o leitor a importância dos **Comentários**.

Tal é seu conteúdo: À guisa de prefácio (assinado por Augusto Magne), preâmbulo (histórico da polémica), lei preliminar, parte geral e parte especial; palavras finais, bibliografia, índice alfabético, e bibliografia da **Réplica**. Faço minhas estas palavras do prefaciador: “Bem haja, pois, o preclaro mestre Artur de Almeida Tôrres, que, com seu meticoloso trabalho, acaba de prestar relevante serviço às nossas letras, tornando-se, destarte, credor da estima dos encanecidos mestres e do reconhecimento que, de certo, lhe não sonegará nossa briosa juventude estudantil”.

R. F. Mansur Guérios.

FLORIVAL SERAINE — **DICIONÁRIO DE TERMOS POPULARES (Registrados no Ceará) — Organização Simões Editôra, Rio, 1959, 276 pp.**

Nunca será demais relevar a importância das coletas dos falares brasileiros que irão constituir o alicerce dos estudos de geolinguística do português no Brasil.

A presente obra, de autoria do conhecido filólogo e folclorista nordestino, tem ainda valor pelas peculiaridades referentes ao âmbito social e geográfico de numerosos vocábulos averbados.

Precede o trabalho uma nota preliminar na qual Florival Seraine declara que o seu léxico não deve ser considerado “um acervo de verdadeiros ou puros cearensismos, nem mesmo de expressões peculiares do Nordeste, pois, muitos vocábulos registados ocorrem na linguagem popular de outras zonas brasileiras, inclusive do Sul do país”. Assim é, e sem querer fazer uma comparação completa, postarei exemplares do Paraná com os quais se confirma o dizer do A.: **abacaxi, agancar-se, abrir o chambre, abusado, abusar, abuso, acachapado, agarrado, agastar-se, agorinha,, água** (tôdas as frases-feitas aí incluídas), **agüentar o repuxo, alçapão, amoitar-se, andaço, arapuca, arara, arisco, raia** (em vez de arraia), **arranjado, arrasta-pé, arrotar, arruinado, arte, atracar, azular, babado, babau!, bacana, bagagem, baita, bamba** (em vez de bambo), **banguela, banzá, barbeiragem, barbeiro, bate-bôca, bater a(s) bota(s), bater prego sem estôpa, bêsta, virar bicho, matar o bicho, bilhete azul, bigue, bodega, bola, bolacha** (em vez de bolachada), **bolada, bôlo, boneca, bossa, pôr uma pedra em cima** (em vez de botar...), **brabeza, bracatinga, branquinha, breçar, breque, brigar, burro, cabra, cabra-cega, caco** (= cabeça), **çaçoada, çaçoar, cafundó, caipora, cair na vida, calçada, fazer a cama a alguém, cambada, campainha** (= úvula), **cana, cangote, canjica, capão, capenga, capilé, capueira, cara** (= indivíduo), **carão, caraolho, careta, carneiro, carrada, carregação, casco** (= garrafa vazia), **catinga** (= mau cheiro; aglomerado de pequenas árvores), **católico, cavalo** (= cancro), **cercado, chega!, chocolateira, chicolateira, chorar, chumbado, na chuva, cismar, cismado, coarar, cobre, cobreiro, cochilar, cochilo, coisa-feita, cola, colar, colchão-de-noiva** (não de-noivo), **comadre, cortar uma volta, credo! cruz!, crente, culatra, custar, cutuba, cutucar, danado, degas, de-primeiro** (linguagem infantil), **desinfete!, devassado, dizque, dona, ei!, embromar, embulhar, embrulho, enfesar, enguiçar, enrabichar-se, enrascar, entender do riscado, escalafobético, escolta, escolta, escroto, especular, espora, esquerdo, esticar as canelas, estrear-se, falar grosso, falar pelos cotovelos, faltar, farofa,**

farol, faroleiro, fazer uma vaca, corpo fechado, fechar o tempo, ferida arruinada, fêzinha, tirar um fiapo, ficar no mato sem cachorro, ficar para titia, filar, filé, fiteiro (exibicionista), fiúza, frangote, frieira, fuça, fulo, função, fuxicar (mexericar), galinha, galinhagem, garapa (= suco da cana de açúcar), garrafada, gauchada, genioso, graça, estar na grade, grammar, grelar, história pra boi dormir, homem, hora (quase tôdas as frases-feitas aí incluídas), hum! incômodo, influído, interessante, ir na onda, vá amolar o boi!, vá lamber sabão!, vá chatear o boi!, janta, joça, jôgo de empurra, jôgo-mole, lambuje ("sic"), lavagem, lenha, lero-lero, levar pau, etc.

Algumas expressões são recém-introduzidas, graças ao advento de nordestinos no Paraná setentrional. Sirva de exemplo **arigó**.

Ainda na nota preliminar o A. trata de algumas peculiaridades fonéticas, e citou obras de que aproveitou definições.

O **Dicionário**, não será demasiado afirmar, merece a consideração dos entendidos, e será muito útil para o conhecimento do português do Brasil.

R. F. Mansur Guérios.
